

*A Pensão Tellier*

*Guy de Maupassant*

# I

Ia-se lá todas as noites, pelas onze horas, como ao café, simplesmente,

Lá se encontravam seis ou oito pessoas, sempre as mesmas. Não era gente desocupada, vadia, mas homens respeitáveis, comerciantes e rapazes da cidade. Tomavam licores e brincavam com as mulheres; ou conversavam seriamente com Madame, a quem todo o mundo respeitava.

Antes da meia-noite voltavam para casa. Algumas vezes os rapazes ficavam.

A casa tinha um aspecto familiar. Era pequena, pintada de amarelo e situada na esquina de uma rua atrás da igreja de Saint-Étienne. Das janelas divisava-se o estuário cheio de navios descarregando, o grande pantanal chamado Retenue e, atrás, a praia da Virgem, com sua velha capela cinzenta.

Madame, descendente de uma boa família de camponeses do Departamento de Eure, tinha aceitado aquela profissão tranqüilamente como teria sido modista ou comerciante de roupa branca. O preconceito da desonra inerente à prostituição, tão arraigado e vivo nas cidades, não existe na região normanda. O camponês diz "É um bom negócio". E manda sua filha manter um harém de mulheres como a mandaria dirigir um pensionato de meninas.

Aquela pensão, além disso, provinha, por herança, de um velho tio. Monsieur e Madame, outrora estalajadeiros nas imediações de Yvetot, liquidaram imediatamente o negócio, julgando o de Fécamp mais vantajoso; e chegaram uma bela manhã para assumir a direção da empresa, que periclitava na ausência dos patrões.

Era um casal muito bom; e imediatamente conquistaram as graças do pessoal da casa e dos vizinhos.

Monsieur morreu dois anos depois, vítima de uma apoplexia. Sua nova profissão levava-o à ociosidade e à imobilidade, engordava muito e a boa vida o matara.

Madame, depois da viuvez, fora em vão cobiçada por todos os freqüentadores da casa; mas todos diziam que ela era muito séria, e as próprias pensionistas nunca descobriram nada a seu respeito.

Era alta, carnuda, apetitosa. Sua tez, empalidecida na obscuridade daquelas salas sempre fechadas, brilhava como sob um verniz. Uma leve franja de cabelos postiços e frisados dava-lhe um aspecto juvenil que destoava da maturidade de suas formas. Invariavelmente alegre e risonha, agradava a todos com um quê de recato que sua nova ocupação ainda não pudera destruir. Os nomes feios sempre a chocavam um pouco; e quando um rapaz mal-educado chamava pelo nome próprio o estabelecimento que ela dirigia, indignava-se, revoltada. Enfim, tinha a alma delicada e, se bem que tratasse suas mulheres como amigas, repetia sempre que elas "não eram vinho da mesma pipa".

Às vezes, durante a semana, saía em carro de aluguel com uma parte de sua troupe, e iam fazer piqueniques nas margens do riacho que corre aos fundos de Valmont. Divertiam-se como pensionistas em liberdade, e eram corridas loucas, jogos infantis, toda uma alegria de encarceradas bêbadas de ar livre. Comiam frios sobre a relva e bebiam cidra, e voltavam ao cair da noite com um cansaço delicioso, um suave entermecimento; e no carro abraçavam Madame como a uma mãe boníssima, cheia de doçura e de indulgência.

A pensão tinha duas entradas. Na esquina, à noite, abria-se uma espécie de café escuso, freqüentado por gente do povo e por marinheiros.

Duas das criaturas encarregadas do comércio especial do local eram particularmente escolhidas ao gosto dessa parte da clientela. Auxiliadas por um garçom chamado Frederico, um rapaz, loiro, imberbe e forte como um boi, elas serviam os quartilhos de vinho e as canecas nas mesas de mármore branco e, com o braço ao redor do pescoço dos bebedores, sentavam-se ao colo deles, incitando-os à consumação.

As outras três mulheres (pois eram somente cinco) formavam uma espécie de aristocracia, e eram reservadas para os freqüentadores do primeiro andar, a menos que se tivesse necessidade delas embaixo e que o sobrado estivesse vazio.

O salão de Júpiter, onde se reuniam os burgueses do lugar, era forrado de papel azul e ornamentado com

um grande desenho representando Leda estendida sob um cisne. Chegava-se a esse lugar por uma escada em cotovelo, que terminava em uma porta estreita, de aparência humilde, que dava para a rua. Acima da porta brilhava toda a noite uma lanterna semelhante àquelas que ainda hoje se acendem em certas cidades, aos pés das madonas engastadas nas paredes.

O edifício, úmido e velho, cheirava ligeiramente a mofo. Às vezes uma onda de perfume de Água de Colônia passava pelos corredores, ou então uma porta entreaberta embaixo fazia ecoar em toda a casa, como um ribombo de trovão, os gritos vulgares dos freqüentadores do andar térreo, provocando na fisionomia dos senhores do sobrado uma careta de inquietação e desagrado.

Madame, familiar com os clientes seus amigos, não deixava o salão, e se interessava pelas novas da cidade que eles lhe traziam. Sua conversação grave contrastava com o falatório inconseqüente das três mulheres; ela era como um repouso na brincadeira lasciva daqueles cidadãos barrigudos que se entregavam todas as noites a esse vício honesto e medíocre de beber um cálice de licor em companhia de mulheres públicas.

As três mulheres do sobrado chamavam-se Fernanda, Rafaela e Rosa Sonsa.

Como o número fosse restrito, cada uma delas era como uma amostra, um resumo de tipo feminino, a fim de que todo consumidor pudesse encontrar ali, aproximadamente, a objetivação do seu ideal.

Fernanda representava a beleza loira, alta, quase obesa, flácida, sardenta, e com os cabelos curtos, claros e descoloridos, semelhantes ao cânhamo fiado, cobrindo-lhe pouco a cabeça.

Rafaela, uma marselhesa, destroço dos portos de mar, desempenhava o papel indispensável de bela judia, magra, com as maçãs salientes emplastadas de ruge. Seus cabelos negros, untados de tutano de boi, formavam anéis nas têmporas. Seus olhos seriam bonitos se o direito não fosse marcado com uma mancha. Seu nariz arqueado caía sobre uma mandíbula acentuada, onde dois dentes novos, em cima, faziam contraste com os de baixo, que, por envelhecimento, tinham adquirido uma cor escura, como as madeiras antigas.

Rosa Sonsa, uma pequena bola de carne, toda em barriga, com pernas minúsculas, cantava da manhã à noite, com uma voz desafinada, canções às vezes picantes ou sentimentais; contava histórias intermináveis e insignificantes, não parava de falar senão para comer e só parava de comer para falar, agitando-se sempre, ágil como esquilo, malgrado a gordura e a exigüidade das patas; seu riso, uma cascata de gritos agudos, ouvia-se sem cessar, daqui, dali, num quarto, no café, no sótão, em toda a parte, a propósito de nada.

As duas mulheres do andar térreo—Luiza, apelidada de Cocote, e Flora, chamada Gangorra, porqu manquejava um pouco; uma sempre vestida de Liberdade, com uma faixa tricolor, a outra, de espanhola, com moedas de cobre que dançavam nos seus cabelos cor de fogo a cada um de seus passos desiguais—tinham o aspecto de criadas de cozinha fantasiadas para um carnaval. Semelhantes a todas as mulheres do povo, nem mais feias nem mais bonitas, legítimas criadas de albergue, eram designadas no porto pela alcunha de "as duas jóias".

Uma paz ciumenta, mas raramente perturbada, reinava entre as cinco mulheres, graças à sabedoria conciliante de Madame e a seu inesgotável bom humor.

O estabelecimento, único na pequena cidade, era assiduamente freqüentado. Madame soubera dar a ele uma apropriada decência; mostrava-se tão amável, tão solícita com todos; seu bom coração era tão conhecido, que a cercava uma espécie de consideração. Os freqüentadores faziam despesas com Madame, exultavam quando ela lhes demonstrava uma amizade mais acentuada; e, quando se encontravam durante o dia, a negócios, diziam uns aos outros: "Até à noite, no lugar de costume", como se dissessem: "No café, não é? depois do jantar".

Enfim, a Pensão Tellier era um refúgio, e raramente alguém faltava à reunião cotidiana.

Mas uma noite, em fins de maio, o primeiro a chegar, o Sr. Poulin, comerciante de madeiras e ex-prefeito encontrou a porta fechada. A pequena lanterna estava apagada, nenhum ruído saía da casa, que parecia morta. Bateu, de início levemente, depois com mais força; ninguém respondeu. Então ele voltou pela rua vagorosamente e, quando se aproximava da praça do Mercado, encontrou-se com o Sr. Duvert, o armador, que se dirigia para o mesmo destino. Voltaram juntos mas não obtiveram nenhum resultado. Subitamente ouviram um grande ruído muito próximo e, contornando a casa, viram um ajuntamento de marinheiros ingleses e franceses que batiam aos socos nos postigos fechados do café.

Os dois burgueses fugiram de imediato para não se comprometerem; mas um leve "psiu!" os deteve: era o Sr. Tournevau, o salgador de peixes, que, tendo-os reconhecido, os chamara. Eles lhe contaram a novidade e ele ficou aborrecidíssimo, tanto mais que, além de ser casado e muito vigiado, não ia lá senão aos sábados, securitatis causa, explicava, aludindo a uma medida da polícia sanitária, da qual o Dr. Borde, seu amigo, lhe havia revelado as atividades. Era justamente a sua noite, e ele ia assim ficar privado por toda a semana.

Os três homens deram uma grande volta até o cais, encontrando no caminho o jovem Felipe, filho do banqueiro, um habitue, e o Sr. Pimpesse, o cobrador de impostos. Todos juntos voltaram pela rua "dos Judeus" para uma última tentativa. Mas os marinheiros, exasperados, tinham cercado a casa e atiravam pedras, gritando; e os cinco clientes do primeiro andar, fazendo a volta o mais depressa possível, puseram-se a vaguear pelas ruas.

Encontraram ainda o Sr. Dupuis, agente de seguros, e o Sr. Vasse, juiz do Tribunal do Comércio; e começo um longo passeio que os conduziu ao dique. Sentaram-se todos em linha na amurada, olhando o movimento da água. A espuma na crista das ondas punha na sombra brancuras luminosas, que se extinguíam e mal apareciam, e o ruído monótono do mar, quebrando-se contra os rochedos, prolongava-se noite adentro ao longo da costa.

Pouco tempo depois de terem chegado, o Sr. Tournevau exclamou:

— Isso não é nada divertido.

— Não, de nenhuma forma—respondeu o Sr. Pimpesse. E voltaram a passo lento. Antes de terem percorrido a

rua que circunda a costa e que chamam de Sous-le-bois, voltaram pela ponte de madeira sobre a Retenue, passaram pela estrada de ferro e desembocaram novamente na praça do Mercado. Aí começou uma discussão entre o cobrador de impostos, Sr. Pimpesse, e o salgador, Sr. Tournevau, a respeito de um cogumelo comestivo que um deles afirmava ter encontrado nas redondezas.

Como estivessem irritados pela contrariedade, teriam chegado a vias de fato se os outros não se interpussem. O Sr. Pimpesse, furioso, retirou-se; e logo depois uma nova altercação surgiu entre o antigo prefeito, Sr. Paulin, e o agente de seguros, Sr. Dupuis, a respeito do ordenado do cobrador de impostos e dos benefícios que ele podia fruir. As frases injuriosas choviam dos dois lados, quando se ouviu uma tempestade de gritos; e o grupo dos marinheiros, cansados de esperar em frente de uma casa fechada, desembocou na praça. Vinham de braços dados, dois a dois, formando uma comprida procissão, e vociferavam com fúria.

O grupo de burgueses escondeu-se em um corredor, e a horda bramante desapareceu na direção da abadia. Por longo tempo ainda se ouviu o clamor diminuindo, como uma tempestade que se distancia; e o silêncio se restabeleceu.

Poulin e Dupuis, furiosos um com o outro, foram embora, cada um para o seu lado, sem se despedirem.

Os quatro restantes se puseram em marcha e, instintivamente, encaminharam-se para a Pensão Tellier. Continuava fechada, muda, impenetrável. Um bêbado, calmo e obstinado, batia na porta do café, e depois parava para chamar a meia-voz o garçom Frederico. Vendo que não lhe respondiam, tomou o partido de sentar-se na soleira da porta para aguardar os acontecimentos.

Iam os burgueses retirar-se quando o bando tumultuoso dos embarcadiços surgiu novamente no fim da rua. Os marinheiros franceses cantavam a Marselhesa, os ingleses a Rule Britannia. Ouviu-se um barulho de pontapés nas paredes, e a horda dos brutos voltou para o cais, onde se travou uma batalha entre os marinheiros das duas nações. Na rixa, um inglês teve um braço quebrado, e um francês o nariz arrebentado.

O bêbado, que continuava sentado na porta, chorava como choram os borrachos ou as crianças contrariadas.

Os burgueses enfim se dispersaram.

Pouco a pouco a calma recaiu sobre a cidade perturbada. Num lugar ou noutro, ainda por instantes, um ruído de vozes se elevava, depois se extinguia na distância. Somente um homem continuava a caminhar, o Sr. Tournevau, o salgador, desolado por ter de esperar pelo próximo sábado; e ele esperava sabe lá que acaso, sem compreender, indignado com a polícia, por deixar que fechassem um estabelecimento de utilidade pública que ela própria vigia e mantém sob sua guarda.

Voltou contemplando as paredes, em busca de uma razão que explicasse o fechamento, e enxergou um pequeno cartaz afixado no alpendre. Riscou depressa um fósforo e leu estas palavras, traçadas com uma enorme letra desigual: Fechado por motivo de primeira comunhão.

Afastou-se, então, compreendendo que nada mais tinha a fazer.

O bêbado dormia, estendido por inteiro na soleira da porta inóspita.

E no dia seguinte todos os habitues, um após outro, passaram na rua segurando papéis para fingirem serviço, e, com um olhar furtivo, cada qual lia o aviso misterioso: Fechado por motivo de primeira comunhão.

É que Madame tinha um irmão estabelecido com marcenaria em seu torrão natal. Virville, no Eure. No tempo em que Madame era ainda alberguista em Yvetot, tinha batizado a filha desse irmão, a quem dera o nome de Constança, Constança Rivet; sendo que ela também, pelo lado paterno, era uma Rivet. O marceneiro que sabia da boa situação de sua irmã, não a perdia de vista, apesar de se verem raramente, retidos ambos por suas ocupações e ainda porque residiam longe um do outro. Mas como a menina completava doze anos de idade e ia fazer a sua primeira comunhão, ele achou que devia aproveitar a oportunidade para uma aproximação e escreveu à irmã, convidando-a para a cerimônia. Os avós da menina estavam mortos, e ela não poderia se recusar a assistir sua afillhada; aceitou. O irmão, que se chamava José, esperava que, sendo atencioso, talvez conseguisse que ela fizesse testamento em favor da pequena, pois Madame não tinha filhos.

A profissão da irmã não lhe feria os escrúpulos e, além disso, ninguém na região sabia nada a respeito. Quando falavam nela, diziam simplesmente: "Mme. Tellier é uma proprietária de Fécamp", o que fazia supor que ela podia viver de suas rendas. De Fécamp a Virville a distância era de mais ou menos cento e vinte quilômetros; e cento e vinte quilômetros de terra são para um camponês mais difíceis de atravessar do que o oceano para um civilizado. Os habitantes de Virville não tinham jamais ultrapassado Ruão; de Fécamp não vinha ninguém para uma vila de apenas quinhentas casas, perdidas no meio da planície e pertencente a outro Departamento. Enfim, ninguém sabia nada.

Ao aproximar-se a época da comunhão, Madame viu-se muito embaraçada. Não tinha gerente, e não se arriscava a abandonar o estabelecimento, mesmo que fosse só por um dia. Todas as rivalidades entre mulheres de cima e as de baixo explodiriam infalivelmente; além disso, Frederico sem dúvida se embriagara e, quando estava tonto, agredia as pessoas por dá cá aquela palha. Finalmente, ela se decidiu a levar todo o seu pessoal consigo, exceto o garçom, que ficaria livre até o regresso geral.

O irmão foi consultado e não opôs nenhuma objeção, encarregando-se de alojar todas por uma noite. Por isso, no sábado de manhã, o trem expresso das oito horas levava Madame e suas companheiras em um vagão de segunda classe.

Até Beuzeville viajaram sozinhas, tagarelando como caturritas. Mas nessa estação embarcou um casal. O homem, um velho camponês, de blusa azul com cabeção pregueado, mangas largas apertadas nos punhos e ornadas de um bordado branco, com um chapéu de copa alta cujo pêlo parecia arrepiado, tinha em uma das mãos um enorme guarda-chuva verde e na outra um vasto balaio, que deixava passar as cabeças espantadas de três patos. A mulher, direita na sua vestimenta rústica, tinha uma cara de galinha, com um nariz pontudo como um bico. Ela sentou-se na frente de seu homem e ficou imóvel, constrangida por se encontrar em meio a uma sociedade tão fina.

Havia, com efeito, no vagão, um deslumbramento de cores vivas. Madame, toda de azul, da cabeça aos pés, levava nos ombros um xale imitação de cachemira, vermelho, espantado, fulgurante. Fernanda ofegava em um traje escocês cujo corpete, apertado com toda a força por suas companheiras, suspendia seus seios caídos, dando a impressão de duas cúpulas gelatinosas.

Rafaela, com um chapéu de plumas simulando um ninho cheio de pássaros, vestia uma toailete lilás, com lentejoulas douradas, qualquer coisa de oriental que ia bem com seu semblante de judia. Rosa Sonsa, com uma saia rosa de grandes babados, tinha o ar de uma criança muito gorda, de uma anã obesa; e "as duas jóias" pareciam ter se vestido com cortinas velhas, com aquelas cortinas de ramagens que eram usadas na Restauração.

Logo que houve gente estranha no compartimento, elas tomaram uma atitude séria e começaram a falar de coisas importantes, para causar boa impressão. Mas em Bolbec embarcou um senhor de suíças loiras, com anéis e com uma corrente de ouro, que colocou na rede existente acima do seu banco uma porção de pacotes embrulhados em tela encerada. Ele tinha um ar jocoso e bonachão. Cumprimentou, sorriu, e perguntou com naturalidade: "Essas moças estão mudando de guarnição?" Essa pergunta lançou o grupo numa confusão embaraçosa. Madame, enfim, dominou-se, e respondeu secamente, para vingar a honra da corporação: "O senhor bem podia ser delicado!" Ele desculpou-se: "Perdão, eu queria dizer de convento". Madame, não achando o que responder, ou talvez julgando a retificação suficiente, fez um cumprimento digno, apertando os lábios.

Então o viajante, que se tinha sentado entre Rosa Sonsa e o velho camponês, começou a piscar o olho para os três patos, cujas cabeças saíam fora do balaio; depois, quando percebeu que começava a cativar o seu público,

começou a fazer cócegas embaixo do bico dos animais, lamentando-se como se fosse eles: "Nós deixamos nossa lagoinha! cuá! cuá! cuá! — para conhecer o espeto! — cuá! cuá! Cuá!" Os pobres animais sacudiam o pescoço a fim de evitar as carícias, fazendo esforços tremendos para sair de sua prisão de vime; subitamente, porém, os três, em coro, lançaram um lamentável grito de protesto: — Cuá! cuá! cuá! cuá! — As mulheres explodiram em risos. Inclonavam-se, acotovelavam-se para ver melhor, todas se interessavam loucamente pelos patos. O viajante redobrou os gracejos, os ditos e as macaquices.

Rosa aderiu ao brinquedo e, debruçando-se sobre as pernas de seu vizinho, beijou os três animais no bico." Todas as mulheres logo quiseram fazer o mesmo; e o viajante sentava-as em seus joelhos, fazia-as saltar, beliscava-as; imediatamente começou a tratá-las com intimidade.

Os camponeses, mais furiosos do que as suas aves, reviravam uns olhos de possessos, sem animar-se a fazer um gesto, e suas caras enrugadas não esboçavam nenhum sorriso, nenhum movimento.

O alegre passageiro, que era caixeiro-viajante, por graça ofereceu suspensórios às mulheres, e, tomando um de seus pacotes, abriu-o. Era uma brincadeira, o pacote continha ligas.

Havia ligas de seda azul, de seda cor-de-rosa, de seda encarnada, de seda violeta, de seda malva, de seda sulferina, com fechos de metal formados por dois cupidos enlaçados e dourados. As raparigas soltaram gritos de alegria, e puseram-se a examinar as amostras, com a atenção natural a toda mulher que examina um objeto de toalete. Consultavam-se com olhares ou com cochichos, e Madame examinava com inveja um par de ligas cor de laranja, mais largas, mais imponentes que as outras: verdadeiras ligas de matrona.

O viajante esperava, acariciando uma idéia: "Vamos, minhas galinhas", disse ele, "experimentem-nas". Foi uma chuva de exclamações; e apertavam as saias entre as pernas, como se temessem ser violentadas. Ele, tranqüilo, esperava a sua hora. Declarou-lhes: "Se não querem, eu torno a guardá-las". E depois, delicadamente "Eu ofereço um par, a escolher, àquelas que experimentarem". Mas elas não aceitavam, e permaneciam sérias, empertigadas, dignas.

As "duas jóias", entretanto, pareciam tão desoladas, que ele renovou a proposta. Flora Gangorra, sobretudo torturada de desejo, estava visivelmente hesitante. Ele tentou-a: "Vamos, pequena, um pouco de coragem; olha, o par lilás, ele irá bem com a sua toalete". Ela então se decidiu e, levantando o vestido, mostrou uma perna forte de vaqueira, mal apertada em uma meia grossa. O homem, baixando-se, afivelou a liga primeiro para baixo do joelho, depois acima; e distendia o elástico e soltava-o, fazendo a rapariga estremecer e dar gritinhos. Quando terminou, ofereceu-lhe o par lilás e perguntou: "Quem mais quer experimentar?" Todas exclamaram a um tempo: "Eu! eu!" Começou por Rosa Sonsa, que descobriu uma coisa informe, cilíndrica, sem tornozelo, uma verdadeira "salsicha", como lhe chamava Rafaela. Fernanda foi elogiada pelo caixeiro-viajante, que ficou entusiasmado com suas possantes colunas. Às magras tíbias da bela judia tiveram menos sucesso. Luiza Cocote, por brincadeira, cobriu a cabeça do viajante com a sua saia e Madame teve de intervir para terminar com essa farsa inconveniente. Por fim a própria Madame estendeu a perna, uma bela perna normanda, gorda e musculosa, e o ofertante, surpreendido e arrebatado, tirou galantemente o chapéu para saudar aquela notável barriga de perna, como um autêntico cavalheiro francês.

Os dois camponeses, hirtos de pasmo, olhavam de soslaio; e tanto se pareciam com galinhas que o homem de suíças loiras, ao levantar-se, cantou-lhes na cara: "Co-co-rocó". O que desencadeou novamente uma tempestade de gargalhadas.

Os velhos desceram em Motteville, com seus balaios, seus patos e seu guarda-chuva; e ouviu-se a mulher dizer ao seu homem, ao afastarem-se: "São umas perdidas, que vão para essa excomungada Paris".

O divertido caixeiro-viajante desembarcou em Ruão, depois de haver-se mostrado tão inconveniente, que Madame se viu obrigada a chamá-lo à ordem, asperamente. Ela acrescentou, à guisa de moral: "Isso nos ensinará a não conversar com qualquer pessoa".

Em Oissel elas mudaram de trem e, na estação seguinte, encontraram o sr. José Rivet com uma charrette cheia de cadeiras e atrelada com um cavalo branco.

O marceneiro abraçou delicadamente cada uma das mulheres e as ajudou a subir na carriola. Três sentaram-se nas três cadeiras do fundo; Rafaela, Madame e o irmão, sobre as três cadeiras da frente; e Rosa, como não houvesse cadeira, acomodou-se como pôde sobre os joelhos de Fernanda. Em seguida puseram-se a caminho. C trote do cavalo sacudia a viatura de tal forma que as cadeiras começaram a dançar, jogando as viajantes para cima, para a direita, para a esquerda, com movimentos de fantoches, caras assustadas, gritos de medo; cortados de súbito por uma sacudidela mais forte. Elas se agarravam aos lados do veículo; os chapéus caíam na nuca, sobre o nariz, ou para as espáduas; e o cavalo branco trotava sempre, espichando o pescoço, e o rabo reto, um pequeno rabo de rato, pelado, com o qual batia nas nádegas de tempos em tempos. José Rivet, com um pé

sobre o varal, a outra perna encolhida, os cotovelos erguidos, segurava as rédeas, e da garganta lhe escapava a todo instante um ruído esquisito que, fazendo levantar as orelhas do cavalo, lhe acelerava a marcha.

Dos dois lados da estrada estendia-se a campina verde. Os canteiros de colza, aqui e ali, pareciam enormes toalhas amarelas, donde se elevava um cheiro agradável e penetrante, que o vento transportava à distância. Nas plantações de centeio, já amadurecidas, as centáureas mostravam suas cabeças azuladas, despertando a atenção das mulheres, que quiseram colhê-las, mas Rivet recusou-se a parar.

Às vezes o campo parecia vaporizado com sangue, tamanho era o número de papoulas que nele floresciam. E no meio dessas campinas assim coloridas pelas flores agrestes, a carriola, que parecia também transportar um ramo de flores de um colorido mais vivo, passava, ao trote do cavalo branco, desaparecia atrás das árvores de uma propriedade, para reaparecer no fim das folhagens e passear de novo, através dos tabuleiros amarelos e verdes, pontilhados de vermelho ou de azul, aquela espalhafatosa carga de mulheres, que fulgia sob o sol.

Soava uma hora quando chegaram diante da casa do marceneiro.

Elas estavam mortas de cansaço e pálidas de fome, pois não tinham comido nada desde o embarque.

*Mme.* Rivet precipitou-se, auxiliou-as a descer, e abraçou-as; e não se cansava de beijar sua cunhada, a quem desejava agradar. Fizeram a refeição na oficina, donde tinham sido retirados os bancos de carpintaria para o jantar do dia seguinte.

Uma ótima omelete, a que se seguiu uma lingüiça frita, regada com cidra picante, restituiu a alegria a todos. Rivet, para beber à saúde, tinha apanhado um copo, e sua mulher servia, cozinhava, trazia os pratos, levava-os, perguntando ao ouvido de cada uma: "Está do seu gosto?" Uma pilha de madeiras encostada às paredes e os cavacos amontoados pelos cantos desprendiam um perfume de madeira cepilhada, um cheiro de marcenaria, esse ar resinoso que penetra no fundo dos pulmões.

Reclamaram a presença da pequena, mas esta se achava na igreja e só voltaria à tarde.

Saíram, então, para dar uma volta pelas redondezas.

Era uma vila pequena, atravessada por uma larga estrada. Uma dúzia de casas alinhadas ao longo dessa via única abrigava os comerciantes do lugar, o açougueiro, o merceiro, o botequineiro, o sapateiro e o padeiro. A igreja, situada ao fim daquela espécie de rua, era cercada por um pequeno cemitério; e quatro tílias enormes, plantadas diante do adro, cobriam-na toda de sombra. Era construída de sílex talhado, sem preocupações de estilo, e encimada por um campanário de ardósia. A diante recomeçava o campo, cortado aqui e ali de renques de árvores que ocultavam as propriedades.

Rivet, por cerimônia, apesar de estar em vestes de operário, tinha dado o braço à irmã, conduzindo-a com imponência. Sua mulher, deslumbrada com o vestido lantejoulante de Rafaela, tinha se colocado entre esta e Fernanda. Rosa caminhava atrás com Luiza Cocote e Flora Gangorra, que manquejava, extenuada.

Os habitantes vinham para as portas, as crianças paravam de brincar, uma cortina levantada deixava entrever uma cabeça coberta por um turbante; uma velha de muletas e quase cega fez o sinal da cruz, como diante de uma procissão; e todos ficavam por muito tempo a olhar aquelas lindas damas da cidade, que tinham vindo de tão longe para assistir à primeira comunhão da filhinha de José Rivet. Uma enorme consideração aureolava o marceneiro.

Ao passar diante da igreja, ouviram o canto das crianças: um canto lançado para os céus por vozinhas agudas; mas Madame impediu que elas entrassem, para não perturbarem aqueles querubins.

Depois de uma volta pelos campos, e da enumeração das principais propriedades, do rendimento da terra e da produção do gado, José Rivet regressou com a sua caravana de mulheres e instalou-as em sua casa.

Como a casa fosse muito pequena, foram alojadas duas em cada quarto.

Rivet dormiria na oficina, sobre as pilhas de madeira; sua mulher partilharia o leito com a cunhada e, no quarto ao lado, dormiriam juntas Fernanda e Rafaela. Luiza e Flora foram instaladas na cozinha, onde haviam posto um colchão por terra, e Rosa ocupou sozinha um quatinho sem luz no cimo da escada, junto da entrada do sótão estreito onde dormiria, naquela noite, a comungante.

Quando a menina chegou, caiu sobre ela uma chuva de beijos; as mulheres todas queriam acariciá-la, com aquele impulso de expansões ternas, aquele hábito profissional de carinhos, que, no vagão, as havia feito beijar os patos. Cada uma delas sentou-a no colo, acariciou-lhe os finos cabelos loiros, apertou-a nos braços num arrebatamento de afeição veemente e espontâneo. A criança, toda imbuída de piedade, como se estivesse encorajada pela absolvição, tudo sofria, paciente e recolhida.

Como o dia tinha sido muito trabalhoso para todos, deitaram-se logo em seguida ao jantar. O silêncio infinito dos campos, que parece quase religioso, envolvia a pequena vila, um silêncio tranqüilo, penetrante, e vasto até os astros. As mulheres, acostumadas às noitadas tumultuosas da casa pública, sentiam-se perturbadas

com aquele mudo repouso do campo adormecido. Sentiam arrepios na pele, não de frio, mas arrepios de solidão, vindos do coração inquieto e emocionado. Assim que se viram deitadas, duas a duas, estreitaram-se, como para defender-se contra aquela invasão do calmo e profundo sono da terra. Mas Rosa Sonsa, sozinha em seu cubículo sem luz, pouco afeita a dormir com os braços vazios, sentiu-se tomada por uma emoção vaga e penosa. Revirava-se na cama, incapaz de conciliar o sono, quando ouviu, por trás da divisão de tábua junto à sua cabeça, uns soluços abafados como se uma criança chorasse. Assustada, ela chamou baixinho, e uma vizinha entrecortada lhe respondeu. Era a garotinha, que, acostuada a dormir no quarto da mãe, sentia medo de estar sozinha no sótão estreito.

Rosa, encantada, levantou-se e, docemente, para não acordar ninguém, foi buscar a criança. Trouxe-a para o seu leito aquecido, aconchegou-a contra o peito, beijando-a, ninoua, envolveu-se em suas exageradas manifestações de ternura e, acalmando-se a si mesma, adormeceu. E até o romper do dia a comungante repousou a cabeça no seio nu da prostituta.

Desde as cinco horas, ao *Ângelus*, o pequeno sino da igreja, repicando a toda, acordou aquelas mulheres, que dormiam ordinariamente durante toda a manhã, único repouso das fadigas noturnas. Os camponeses da vila já estavam levantados. Mulheres, animadas, iam alegremente de porta em porta, entregando, com cautela, curtos vestidos de musselina engomados como cartões, ou círios enormes, com um laço de seda franjada de ouro no meio, e com recortes na cera, indicando o lugar da mão. O sol já alto brilhava num céu todo azul, que guardava ainda no horizonte uns tons rosados, como um matiz enfraquecido da aurora. Ninhadas de pintos passavam diante das casas; e, de tempos em tempos, um galo negro de pescoço luzidio erguia a cabeça ornada de púrpura, batia as asas, e lançava ao ar o seu canto de cobre, que era repetido pelos outros galos.

Carriolas chegavam das comunas vizinhas, desembarcando nas portas as corpulentas normandas de trajas sombrios, com xales cruzados sobre o peito e presos por um broche de prata secular. Os homens tinham vestido a blusa azul sobre o redingote novo ou sobre o velho casaco de pano verde, cujas abas se entremostravam.

Quando os cavalos foram acomodados nas cocheiras, ficou ao longo da estrada uma dupla fileira de carros rústicos, carriolas, cabriolés, tîlburis, carros de banco, viaturas de toda espécie e de todas as idades, apoiados sobre os varais ou com a parte traseira no chão e as lanças apontadas para o céu.

A casa do marceneiro estava cheia de uma atividade de colméia. As mulheres, de corpinho e saiote, os cabelos caídos sobre os ombros, cabelos ralos e curtos que pareciam desbotados e puídos pelo uso, ocupavam-se em vestir a menina.

De pé em cima de uma mesa, ela não se mexia, enquanto *Mme. Tellier* dirigia os movimentos de seu esquadrão volante. Lavaram-lhe o rosto, pentearam-na, vestiram-na e, com o auxílio de uma infinidade de alfinetes, preguearam o tecido, ajustaram-no e deram-lhe um toque de elegância. Quando terminaram, fizeram sentar a paciente, recomendando-lhe que não se movesse; e o grupo agitado das mulheres correu para se preparar.

O sino recomeçava a repicar. Seu frágil bimbalar de sino pobre perdia-se através do céu, como uma voz muito fraca, logo afogada na imensidade azul.

As comungantes saíam das casas e dirigiam-se para o edifício comunal, que comportava as duas escolas e a prefeitura, situado numa extremidade da vila, ao passo que a "casa de Deus" ocupava o outro extremo.

Os pais, em trajas de festa, com uma fisionomia contrafeita e os movimentos desajeitados dos corpos sempre curvados sobre o trabalho, seguiam os seus rebentos. As meninas desapareciam em uma nuvem de tule semelhante a nata batida, ao passo que os homenzinhos, como uns embriões de garçom, com os cabelos colados de brilhantina, caminhavam de pernas afastadas, para não machucar as calças pretas.

Era uma glória para uma família quando um grande número de parentes, vindos de longe, cercavam a criança: assim, o triunfo do marceneiro foi completo. O regimento *Tellier*, com *Madame* à frente, acompanhava *Constança* e o pai de braço com a irmã, a mãe caminhando ao lado de *Rafaela*, *Fernanda* com *Rosa*, e as "duas jóias" de braço, a troupe desfilava majestosamente como um estado-maior em uniforme de gala.

O efeito na vila foi fulminante.

Na escola, as meninas entraram em formatura sob o comando da freira; os rapazes, sob o do mestre-escola, um belo homem de muita representação; e puseram-se a caminho, entoando um cântico.

Os rapazes na frente, as meninas atrás, caminhavam em duas filas entre os dois renques de veículos desatrelados; e como todos os habitantes davam passagem, por consideração, às damas da cidade, elas vinham imediatamente atrás das meninas, prolongando ainda a dupla linha da procissão, três à esquerda e três à direita, com suas toaletes vistosas como um buquê de fogos de artifício.

A entrada na igreja foi um sucesso absoluto. Todos se apertavam, se voltavam, se espichavam para ver aquelas que tinham vindo da cidade. E as devotas cochichavam quase alto, estupefatas ante o espetáculo daquelas damas mais enfeitadas e vistosas do que os paramentos dos cantores. O prefeito ofereceu seu banco, o primeiro banco à direita junto do coro, e Madame Tellier sentou-se em companhia de sua cunhada, Fernanda e Rafaela. Rosa Sonsa e as "duas jóias" ocuparam o segundo banco em companhia do marceneiro.

O coro da igreja estava cheio de crianças ajoelhadas, meninas de um lado, rapazes do outro, e os longos círios que tinham nas mãos pareciam lanças inclinadas em todas as direções.

Diante da estante, três homens, de pé, cantavam a plenos pulmões. Prolongavam indefinidamente as sílabas do latim sonoro, eternizando os Amém com aa infindáveis, que o fagote sustentava com sua nota monótona, mugida pelo instrumento de cobre. A voz aguda de uma criança dava a réplica e, de tempos em tempos, um padre sentado numa cadeira e coberto com um barrete quadrado levantava-se, balbuciava qualquer coisa e sentava-se de novo, ao passo que os três cantores recomeçavam, os olhos fixos sobre o enorme livro de cantochão aberto diante deles e sustentado pelas asas abertas de uma águia de madeira montada sobre uma coluna.

Depois fez-se silêncio. Toda a assistência, com um só movimento, se pôs de joelhos, e o oficiante apareceu, velho, venerando, de cabelos brancos, inclinado sobre o cálice, que segurava com a mão esquerda. À sua frente caminhavam os dois sacristães, vestidos de encarnado, e atrás surgiu uma enorme quantidade de cantores de sapatos grosseiros e que se alinharam dos dois lados do coro.

Uma sineta tilintou no meio do grande silêncio. Iniciava-se o ofício divino. O padre movimentava-se lentamente diante do tabernáculo dourado, fazia genuflexões, salmodiava com sua voz apagada, trêmula de velhice, as preces preparatórias.

Assim que ele se calava, todos os cantores e o fagote rompiam em coro, e homens também cantavam na igreja com uma voz menos forte, mais humilde, como devem cantar os assistentes.

Súbito o Kyrie eleison jorrou para o céu, erguido por todos os peitos e todos os corações. Grãos de poeira e partículas de madeira carunchosa chegaram a cair da velha abóbada abalada por essa explosão de vozes. O sol, que tombava sobre as ardósias do telhado, fazia da igreja uma pequena fornalha; e uma grande emoção, uma espera ansiosa, a aproximação do inefável mistério, oprimia o coração das crianças, estrangulava a garganta das mães.

O padre, que estivera sentado algum tempo, voltou para o altar e, de cabeça nua, coberta pelos cabelos de prata, com gestos trêmulos, aproximava-se do ato sobrenatural.

Voltou-se para os fiéis e, com as mãos estendidas para eles, exclamou: "Orate, frates, orai, irmãos". Todos rezaram. O velho sacerdote balbuciava baixinho as palavras misteriosas e supremas; a sineta batia continuamente; a multidão, ajoelhada, invocava Deus; as crianças desfaleciam de uma ansiedade indizível.

Foi então que Rosa, com o rosto entre as mãos, se lembrou de repente de sua mãe, da igreja de sua aldeia, de sua primeira comunhão. Parecia-lhe ter voltado àquele dia, quando ela era tão pequenina, toda afogada em seu traje branco, e começou a chorar. Chorou suavemente a princípio; as lágrimas escorriam lentamente de seus olhos; depois, com o desfile de suas recordações, a emoção aumentou e, com a garganta oprimida, o coração aos saltos, entrou a soluçar. Tirara o lenço e enxugava os olhos, tapava o nariz e a boca para não gritar: tudo em vão; uma espécie de estertor saiu-lhe da garganta, e dois outros suspiros profundos, lancinantes, lhe responderam; porque suas duas vizinhas, ajoelhadas ao seu lado, Luzia e Flora, presas das mesmas remotas recordações, afogavam-se também em torrentes de lágrimas.

Mas como as lágrimas são contagiosas, Madame, por sua vez, sentiu os olhos úmidos e, voltando-se para a cunhada, viu que todo o seu banco também chorava.

O sacerdote engendrava o corpo de Deus. As crianças não tinham mais pensamento, presas às lajes por uma ardente devoção, e, na igreja, aqui e ali, uma mulher, uma mãe, uma irmã, dominada pela estranha simpatia das emoções pungentes, perturbada também por aquelas belas damas de joelhos, sacudidas de estremecimentos e de soluços, umedeciam os lenços, e com a mão esquerda comprimiam violentamente o coração palpitante.

Como a fagulha que atea fogo num campo seco, as lágrimas de Rosa e suas companheiras alcançaram num instante todos os fiéis. Homens, mulheres, velhos, rapazes de blusa nova, todos em breve soluçavam, e sobre as cabeças parecia pairar qualquer coisa de sobre-humano, uma alma espargida, o prodigioso sopro de um ser invisível e todo-poderoso.

Então, no coro da igreja, ouviu-se um pequeno golpe seco: a freira, batendo sobre o seu livro, dava o sinal da comunhão; e as crianças, ardendo numa febre divina, aproximaram-se da mesa da comunhão.

Uma fila inteira ajoelhou-se. O velho sacerdote, segurando o cibório de prata dourada, passou diante deles,

oferecendo-lhes, entre dois dedos, a hóstia sagrada, o corpo de Cristo, a redenção do mundo. As crianças abriam a boca em espasmos, com contrações nervosas, os olhos cerrados, as faces pálidas; e a comprida toalha estendida sob seus queixos estremecia como água corrente.

De súbito percorreu a igreja uma espécie de loucura, um rumor de multidão em delírio, uma tempestade de soluços com gritos abafados. Passou como essas rajadas de vento que curvam as florestas; e o sacerdote permanecia de pé, imóvel, uma hóstia entre os dedos, paralisado pela emoção, dizendo para si mesmo: "É Deus, é Deus, que está entre nós, que manifesta a sua presença, que desce, ao meu apelo, sobre o seu povo ajoelhado". E balbuciava preces desconexas, sem atinar com as palavras, preces vindas da alma, arrojadas diretamente para o céu.

Terminou de dar a comunhão em tal estado de superexcitação de fé que suas pernas fraquejavam e, quando bebeu o sangue do Senhor, abismou-se em um ato de profunda gratidão.

'Atrás dele o povo pouco a pouco se acalmava. Os cantores, de pé, na dignidade das vestes brancas, recomeçavam com uma voz menos segura, ainda úmida; e o fagote também parecia rouco, como se o próprio instrumento também tivesse chorado.

O sacerdote, levantando as mãos, fez sinal para que se calassem e, passando entre as duas alas de comungantes perdidas em êxtases de felicidade, aproximou-se da balaustrada do coro.

A assembléia sentara-se com um enorme ruído de cadeiras, e todos agora se assoavam com força. Assim que viram o sacerdote, fez-se silêncio; e ele começou a falar em um tom baixo, hesitante, velado:

— Meus queridos irmãos, minhas queridas irmãs, meus filhos, eu vos agradeço a todos do fundo do coração; vós acabais de dar-me a maior alegria da minha vida. Eu senti Deus descer sobre vós ao meu apelo. Ele veio, ele esteve aqui presente, ocupando vossas almas, fazendo transbordar vossos olhos. Eu sou o padre mais velho da diocese, e sou, também, hoje, o mais feliz. Um milagre aconteceu aqui, um verdadeiro, um grande, um sublime milagre. Enquanto Jesus Cristo penetrava pela primeira vez nos corpos desses inocentes, o Espírito Santo, o pássaro celeste, o sopro de Deus, se abateu sobre vós, apoderou-se de vós, curvando como as roseiras sob a brisa.

Depois com uma voz mais clara, dirigindo-se para os dois bancos onde se encontravam as convidadas do marceneiro:

— Obrigado principalmente a vós, minhas queridas irmãs, que viestes de tão longe, e cuja presença entre nós, cuja fé visível, cuja piedade tão viva foram para todos um exemplo salutar. Vós sois a edificação da minha paróquia; vossa emoção inflamou os corações; sem vós, talvez, este grande dia não teria tido esse caráter verdadeiramente divino. É suficiente às vezes uma só ovelha escolhida para decidir o Senhor a descer sobre o rebanho.

Faltava-lhe a voz. Acrescentou:

— É a graça que eu vos desejo. Assim seja.—E voltou para o altar a fim de terminar o ofício.

Todos estavam agora com pressa de sair. As próprias crianças agitavam-se, cansadas por tão longa tensão de espírito. Além disso estavam com fome, e seus pais pouco a pouco iam saindo, sem esperar o último evangelho, para terminarem os preparativos do almoço.

Foi uma bagunça na saída, uma gritaria, uma algazarra de vozes, onde sobressaía o sotaque normando. A população formou duas alas e, quando as crianças apareceram, cada família se precipitou para a sua.

Constança foi cercada, abraçada, beijada por todo o mulhierio. Rosa, sobretudo, não se cansava de abraçá-la. Por fim segurou-lhe uma das mãos; *Mme. Tellier* apoderou-se da outra; Rafaela e Fernanda ergueram-lhe a longa saia de musselina para que não arrastasse na poeira; Luiza e Flora fechavam a marcha com *Mme. Rivet*; e a menina, em recolhimento, toda penetrada pelo Deus que trazia em si, pôs-se a caminho no meio daquela guarda de honra.

O banquete foi servido na oficina, sobre grandes tábuas colocadas em cima de cavaletes.

Pela porta aberta, que dava para a rua, entrava toda a alegria da vila. Festejava-se por toda parte. Pelas janelas abertas viam-se mesas com gente endomingada, e ouviam-se gritos alegres que saíam das casas em festa. Os camponeses, em mangas de camisa, bebiam copos sobre copos de cidra pura, e no meio de cada grupo viam-se crianças, aqui meninas, ali rapazes, almoçando com suas famílias.

De vez em quando, sob o calor abafante do meio-dia, uma diligência atravessava a vila ao trote sacudido do cavalo, e o homem de blusa que o conduzia lançava um olhar de inveja sobre toda aquela comilança.

Na casa do marceneiro, a alegria guardava certo ar de reserva, um resto da emoção matinal. Somente *Rivet* estava pronto para tudo e bebia sem medida. *Mme. Tellier* olhava o relógio a todo instante, porque, para não ficarem ociosas dois dias seguidos, deviam tomar o trem das 3h55, que as largaria em Fécamp ao escurecer.

O marceneiro empregava todos os esforços para desviar-lhe a atenção e reter o grupo até o dia seguinte; mas Madame não se deixou distrair; ela jamais se descuidava quando se tratava dos negócios.

Assim que terminaram o café, ordenou a suas pensionistas que se fossem preparar; e, voltando-se para o irmão: "E você vai atrelar imediatamente", e foi terminar seus últimos preparativos.

Quando desceu, a cunhada a esperava para falar sobre a menina; tiveram uma longa palestra onde nada ficou resolvido. A camponesa insistia, falsamente enternecida, e *Mme. Tellier*, que estava com a menina sobre os joelhos, não se obrigava a nada, prometia vagamente: se ocuparia dela, havia tempo, combinariam mais tarde.

Entretanto o carro não vinha e as mulheres não desciam. Ouviam-se, em cima, risadas, empurrões gritinhos, ruídos de tapas, Enquanto a mulher do marceneiro foi à cocheira para ver se o carro estava pronto, Madame subiu novamente.

Rivet, bêbado e meio despido, procurava, em vão, violentar Rosa, que morria de rir. As "duas jóias" seguravam-no pelos braços, procurando acalmá-lo, chocadas com tal cena após a cerimônia da manhã; mas Rafaela e Fernanda o incitavam, contorcendo-se de riso, e soltavam gritos agudos a cada um dos esforços inúteis do ébrio. O homem, furioso, com o rosto vermelho, descabelado, sacudindo com esforços violentos as duas mulheres presas a ele, puxava com toda a força a saia de Rosa, gaguejando: "Não quer, vagabunda?" Madame, indignada, avançou, agarrou o irmão pelo ombro e empurrou-o tão violentamente que ele foi bater contra a parede.

Um minuto depois ele estava no pátio, molhando a cabeça; quando reapareceu, guiando o carro, já estava sossegado.

Puseram-se a caminho como na véspera, e o cavalo branco começou a trotar.

Sob o sol causticante, a alegria, sopitada durante a refeição, veio à tona. As mulheres divertiam-se agora com os solavancos do carro, empurravam as cadeiras, davam gargalhadas a todo momento, lembrando as inúteis tentativas de Rivet.

Uma luz forte, luz que fazia mal aos olhos, iluminava o campo; e as rodas levantavam nuvens de poeira, que ficavam flutuando no ar.

Fernanda, que gostava muito de música, pediu a Rosa que cantasse e esta começou a entoar jocosamente o *Gros Cure de Mendon*. Mas Madame fê-la calar imediatamente, achando a canção inconveniente para o dia. Acrescentou: "Cante qualquer coisa de Béranger". Então Rosa, depois de hesitar alguns instantes, fixou sua escolha e com sua voz cansada começou a cantar a *Grand'Mères*:

A minha avó, quando fez anos, Se descuidou, bebeu demais.

— Os meus amantes— dizia ela— Ai! foram tantos que nem sei mais.

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos Que não voltam mais!

E o coro das mulheres, conduzidas por Madame, repetia:

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos Que não voltam mais!

— Isso é que é compasso!— exclamou Rivet, encantado com a cadência; e Rosa continuou:

— Como! a senhora não tinha juízo?

— Ora! Juízo? Para que, meus santos? Eu aos quinze anos descobri o uso, o melhor uso para os meus encantos!

Todas em coro repetiram o estribilho; e Rivet marcava a cadência com o pé, sobre o varal, batia o compasso com as rédeas sobre o lombo do cavalo branco, o qual, como que também arrebatado pelo ritmo, começou a galopar, num galope veloz, atirando as mulheres umas sobre as outras no fundo da carriola.

Levantaram-se, rindo como loucas. E a canção continuou, cantada aos berros através dos campos, sob o céu abrasador, entre as plantações amadurecidas, ao tranco do cavalo que galopava em todas as entradas do estribilho, com grande alegria das viajantes.

De tempos em tempos, algum pedreiro se levantava e ficava olhando a carruagem ferosa e barulhenta sumir-se atrás de uma nuvem de poeira.

Quando chegaram diante da estação, o marceneiro disse:

— É uma pena vocês irem embora, íamos nos divertir muito.

Madame respondeu com sensatez:

— Tudo tem seu tempo; a gente não pode sempre divertir-se.

Uma idéia, então, brotou no cérebro de Rivet:

— Olhem— disse ele—, eu irei visitar vocês em Fécamp no mês que vem.—E olhou para Rosa com um velho, com olhos brilhantes e lascivos.

— Bem — concluiu Madame — venha se quiser, mas não deve fazer asneiras.

Ele não respondeu, e como o trem já tivesse apitado, começou a despedir-se de todas. Quando chegou a vez de Rosa, insistiu em beijar-lhe a boca, e ela, rindo atrás de seus lábios cerrados, desviava-o sempre com um rápido movimento. Ele apertava-a em seus braços, mas não conseguia alcançar-lhe a boca, atrapalhando-se com o enorme chicote, que tinha conservado na mão e que, nos seus esforços, agitava desesperadamente atrás das costas da rapariga.

— Os passageiros para Ruão, que subam! — gritou o empregado. Elas embarcaram.

Ouviu-se um apito agudo, a que se seguiu o apito possante da máquina, que expelia ruidosamente o primeiro jato de vapor, enquanto as rodas começavam a se movimentar com visível esforço.

Rivet, deixando o interior da estação, correu para a plataforma a fim de ver Rosa ainda uma vez; e quando o vagão, cheio daquela mercadoria humana, passava diante dele, começou a estalar o chicote, pulando e cantando com toda a força:

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos Que não voltam mais!

E ficou a olhar um lenço branco que se afastava.

Dormiram toda a viagem, com o sono tranqüilo das consciências satisfeitas; e quando entraram em casa, refrescadas, descansadas para o trabalho da noite, Madame não pôde deixar de dizer: "Foi bom, já andava meio aborrecida da casa".

Jantaram rapidamente e depois de vestirem os trajes de combate esperaram os clientes habituais; e a pequena lanterna iluminada, a pequena lanterna de madona, indicava aos transeuntes que o rebanho estava de volta ao curral.

Num abrir e fechar de olhos a notícia se espalhou, não se sabe como, não se sabe por quem. O Sr. Filipe, filho do banqueiro, teve mesmo a gentileza de mandar um mensageiro prevenir ao Sr. Tournevau, aprisionado no seio de sua família.

O salgador tinha todos os domingos vários parentes para jantar, e estavam tomando café quando chegou um homem com uma carta. Tournevau, preocupado, rasgou o envelope e empalideceu; havia apenas estas palavras, escritas a lápis: Carregamento de bacalhau encontrado, navio voltou ao porto; bom negócio para o senhor. Venha depressa.

Meteu as mãos nos bolsos, procurando qualquer coisa, deu vinte cêntimos ao mensageiro e, enrubescendo até as orelhas, disse: "Tenho de sair imediatamente", E estendeu à sua mulher o bilhete lacônico e misterioso. Chamou a criada, e quando ela apareceu: "Meu sobretudo e minha capa, ligeiro". Assim que saiu à rua apressou o passo, assobiando uma canção, e o caminho pareceu-lhe duas vezes maior, tamanha era a sua impaciência de chegar.

A Pensão Tellier estava com um ar de festa. No andar térreo as vozes bulhentas dos homens do porto faziam uma algazarra de ensurdecer. Luiza e Flora não sabiam a quem atender, bebiam com um, bebiam com outro, merecendo mais do que nunca o cognome de "duas jóias". Todos as chamavam a um tempo; não podiam dar conta do recado, e a noite se anunciava laboriosa para elas.

O cenáculo do primeiro andar ficou completo desde as nove horas. O Sr. Vasse, juiz do Tribunal de Comércio, cortejador reconhecido mas platônico de Madame, conversava baixinho com ela, a um canto; e sorriam como se estivessem em vias de se entenderem. O Sr. Paulin, o antigo prefeito, estava com Rosa montada em seus joelhos; e ela, roçando seu nariz no dele, passava suas mãos pequenas pelas suíças brancas do velho. Um pedaço de coxa emergia das saias amarelas meio erguidas, sobressaindo sobre o fundo negro das calças do velho, e as meias vermelhas estavam presas por uma liga azul, presente do caixeiro-viajante.

Fernanda, estendida no sofá, tinha os dois pés sobre a barriga do Sr. Pimpesse, o arrecadador, e o torso sobre o peito do jovem Filipe, a quem acariciava o pescoço com uma das mãos, segurando na outra um cigarro.

Rafaela parecia conferenciar com Dupuis, o agente de seguros, e terminou a conversa com estas palavras "Sim, meu bem, será esta noite". E, fazendo sozinha um passo de valsa ao redor do salão, gritou: "Esta noite tudo o que se queira".

A porta abriu-se de repente e Tournevau apareceu. Explodiram gritos de entusiasmo: "Viva Tournevau!" E Rafaela, que ainda estava valsando, caiu em seus braços. Ele abraçou-a fortemente e, sem dizer uma palavra, levantou-a no colo como se fosse uma pena, atravessou o salão, saiu pela porta do fundo e desapareceu na escada que conduzia aos quartos, levando o seu fardo humano sob os aplausos gerais.

Rosa, que se conservava no colo do antigo prefeito, beijando-o continuamente e puxando as duas suíças ao mesmo tempo para manter-lhe a cabeça direita, aproveitou o exemplo: "Vamos, faça como ele", disselhe. O velho então levantou-se e, arrumando o colete, seguiu a mulher, mexendo no bolso em que guardava o dinheiro.

Fernanda e Madame ficaram a sós com os quatro homens e Filipe declarou: "Eu pago champanhe: Madam Tellier, mande trazer três garrafas".

Fernanda, abraçando-o, perguntou-lhe ao ouvido: "Você quer tocar para nós dançarmos, sim?" Ele levantou-se e, sentando-se em frente da espineta secular adormecida a um canto, colocou uma valsa, uma valsa rouca e chorosa, do ventre gemedor da máquina. A mulher enlaçou o arrecadador. Madame se abandonou nos braços do Sr. Vasse; e os dois pares começaram a voltear trocando beijos. O Sr. Vasse, que em outros tempos fora um dançador de salões, fazia ares de importante, e Madame olhava-o com uns olhos cativos, com um olhar que dizia "sim", um "sim" mais discreto e mais delicioso que uma palavra.

Frederico trouxe a champanhe. A primeira rolha estourou, e Filipe executou a introdução de uma quadrilha.

Os quatro dançarinos marcaram-na à maneira mundana, convenientemente, respeitosamente, com gestos, inclinações e cumprimentos.

Depois começaram a beber. O Sr. Tournevau voltou, satisfeito, aliviado, radiante. De chegada exclamou: "E não sei o que tem Rafaela, mas ela está perfeita esta noite". Estenderam-lhe um copo, ele esvaziou-o de um trago, murmurando: "Irra, nada melhor do que isso!"

Imediatamente Filipe executou uma polca vibrante, e Tournevau abraçou-se com a bela judia, conservando-a no ar, sem deixar que seus pés tocassem o chão. O Sr. Pimpesse e o Sr. Vasse recomeçaram com mais animação. De tempos em tempos, um dos pares parava junto à chaminé para beber uma taça de vinho espumante; e a dança ameaçava eternizar-se quando Rosa entreabriu a porta com um castiçal na mão. Estava despenteada, de chinelos, só com camisa, animada, vermelha: "Eu quero dançar", anunciou. Rafaela perguntou: "E teu velho?" Rosa deu uma gargalhada: "Ele? Já está dormindo. Dorme em seguida". Enlaçou o Sr. Dupuis, que ficara ser par, e a polca recomeçou.

As garrafas já estavam vazias: "Eu pago uma", declarou o Sr. Tournevau. "Eu também", anunciou o Sr. Vasse. "E eu também", ajuntou o Sr. Dupuis. Todos aplaudiram.

Organizou-se um verdadeiro baile. De tempos em tempos Luiza e Flora subiam às pressas, dançavam um pouco, enquanto os seus fregueses, embaixo, se impacientavam; depois voltavam a correr para o seu café, com o coração cheio de pesar.

À meia-noite ainda dançavam. Às vezes uma das mulheres desaparecia e, quando a procuravam, constatava-se que faltava também um dos homens.

— De onde vêm vocês?—perguntou zombeteiro Filipe, quando o Sr. Pimpesse entrava em companhia de Fernanda.

— Fomos ver o Sr. Poulin dormir—respondeu o arrecadador. A resposta teve um sucesso enorme; e todos por sua vez, para ir ver o Sr. Poulin dormir, subiam com uma ou outra das mulheres, que se mostraram, naquela noite, de uma complacência inconcebível. Madame fechava os olhos e tinha longos colóquios pelos cantos com o Sr. Vasse, como se combinassem os últimos detalhes de um negócio já concluído.

Enfim, à uma hora, os dois homens casados, o Sr. Tournevau e o Sr. Pimpesse, declararam que se retiravam e queriam pagar suas contas. Foi cobrada somente a champanhe, e, assim mesmo, a seis francos a garrafa, em vez de dez, que era o preço habitual. E como eles estranhassem tanta generosidade, Madame, radiante, lhes respondeu:

— Nem sempre é dia de festa.